

PEDAGOGIA DA UTOPIA: um diálogo entre Paulo Freire e Ernst Bloch¹

Frederico Alves Lopes²
Antônia Vitória Soares Aranha³

Resumo

Este trabalho objetiva um diálogo teórico a fim de postular uma pedagogia, denominada por nós de Pedagogia da Utopia, ancorada nos trabalhos de Paulo Freire e Ernst Bloch. Busca-se, a partir dos escritos, sobretudo das categorias *sonhos*, *esperança* e *utopia*, uma conexão entre os autores. Desse modo, ressaltam-se tanto a importância de uma reflexão crítica sobre a utopia nos tempos que correm, frente aos discursos fatalistas neoliberais, quanto o dever de construção de sujeitos de sonhos, que interroguem a realidade estabelecida e que vejam relevância na luta pela sua transformação. Palavras-chave: Ernst Bloch; Paulo Freire; Utopia.

PEDAGOGY OF UTOPIA: a dialogue between Paulo Freire and Ernst Bloch

Abstract

This work consist in a theoretical dialogue to postulate a pedagogy, called by us Pedagogy of Utopia, anchored in the works of Paulo Freire and Ernst Bloch. From the writings of the authors, especially from the categories *dreams*, *hope* and *utopia*, a connection between the authors. In this way, the importance of a critical reflection on utopia in the present times, as opposed to the neo-liberal fatalistic discourses, as well as the duty of constructing subjects of dreams, who interrogate the established reality, and who see relevance in the struggle for its transformation. Keywords: Ernst Bloch; Paulo Freire; Utopia.

¹ Versão preliminar deste trabalho foi apresentada no Colóquio Internacional Marx e o Marxismo, organizado pelo NIEP/UFF, em agosto de 2017. Agradecemos as relevantes contribuições da revisora Danielle Alves e da Professora Suzana Albornoz.

² Sociólogo, Mestrando em Educação na FaE/UFMG. Professor na Fundação de Ensino de Contagem. a.fredlopes@gmail.com.

³ Doutora em Educação e professora Titular da Faculdade de Educação da UFMG. antoniavitoria@uol.com.br.

PEDAGOGÍA DE LA UTOPIA: un diálogo entre Paulo Freire y Ernst Bloch

Resumen

Este trabajo objetiva un diálogo teórico para postular una pedagogía, denominada por nosotros de Pedagogía de la Utopía, anclada en los trabajos de Paulo Freire y Ernst Bloch. Se busca desde los escritos, sobre todo desde el tema de las categorías *sueños, esperanza y utopía*, una conexión entre los autores. De ese modo, se resalta tanto el valor de una reflexión crítica sobre la utopía en los tiempos que corren, frente a los discursos fatalistas neoliberales, como un deber de construcción de sujetos de sueños, que interroguen la realidad establecida, y que vejan relevancia en la lucha por su transformación.

Palabras claves: Ernst Bloch; Paulo Freire; Utopía.

Em busca da utopia

*Mas ninguém entendia
Vida sem utopia
Não entendo que exista
Um Comunista, Caetano Veloso*

Este ensaio apresenta uma breve interlocução teórica entre dois pensadores: Ernst Bloch (1885-1977), o 'Príncipe da Esperança', e Paulo Freire (1921-1997), o 'Andarilho da Utopia'. Tentaremos aproximar suas ideias e vivências, colocando em contato, através das categorias *sonho e esperança*, os pontos convergentes, postulando, ao final, uma possível pedagogia - denominada, por nós, de Pedagogia da Utopia. Consideramos relevante uma reflexão crítica sobre a utopia nos tempos que correm, frente aos pronunciamentos fatalistas neoliberais, bem como sobre a constituição de sujeitos de sonhos, que questionem a realidade estabelecida e que vejam importância na luta pela sua transformação.

A emancipação humana – objetivo maior de Marx e Engels – apresenta-se, em um contexto capitalista de produção, através de limites e potencialidades. Essa categoria se insere no campo das possibilidades, do que ainda-não-é, mas que

pode vir-a-ser. Assim, estamos falando de um projeto utópico, nesse caso, a emancipação humana. Utópico não no sentido comumente encontrado nos dicionários: fantasia, quimera, projetos irrealizáveis. Utópico em um sentido singular, caracterizado pelos pensadores Ernst Bloch e Paulo Freire.

Começamos por uma primeira constatação: a utopia é mais longa do que se imagina. Ela está presente ao largo da história humana. Não é de hoje que os seres humanos sonham em viver em locais onde a felicidade e a liberdade sejam reinantes. Desde a antiguidade – como na República platônica comandada por Reis-filósofos ou, mais certamente, Filósofos-reis, – homens e mulheres buscavam outros espaços a habitar, lugares isentos de miséria e de opressão. “Desde que tivemos conhecimento da existência da produção escrita, nos falamos de uma época onde existiu um tipo de sociedade em que o homem vivia em condições consideradas idóneas” (GUERRERO, 2012, p. 1, tradução nossa). Essa primeira utopia nos remete ao arquétipo da Idade de Ouro, sonho saudosista, voltado a um passado perfeito, apinhado de glórias perpétuas.

Os humanos viviam então como os deuses, com coração livre de preocupações, longes do trabalho e da dor. A triste velhice não vinha visitá-los, e, conservando em toda sua vida o vigor de seu pés e mãos, gastavam a alegria em festas, ao abrigo de todos os males. Morriam dormindo, vencidos pelo sonho. Todos os bens lhe pertenciam. O campo fértil oferecia-lhes uma abundante alimentação que se consumia em prazer (HESÍODO *apud* CIORAN, 1988, p. 139, tradução nossa).

Esse retrato da Idade de Ouro assemelha-se ao Jardim do Éden na Bíblia. Arquétipos míticos estão escritos em variadas culturas que conhecemos e ressurgem com vitalidade quando mulheres e homens se encontram em tempos de especial dificuldade, principalmente em momentos de crises, em que outras realidades precisam existir para superação das adversidades.

Ao fim do mundo antigo, a utopia fundirá o pensamento clássico com o utópico dos profetas de tradição judaica (Vale citar, Amós e Isaías, previram grandes

catástrofes e, posteriormente, o estabelecimento do reino de Deus na Terra) na obra de Santo Agostinho (354-430), *A Cidade de Deus*. Nas palavras de Ernst Bloch (2006, p. 62), “a *Civitas Dei* era literalmente concebida como um pedaço do céu na terra, tanto sob o aspecto da felicidade quanto, sobretudo, da pureza”, não obstante, na teologia de Agostinho, “nem o reino de Deus nem qualquer outro bem podem ser conquistados pelo esforço, vêm por graça e estão presentes por graça, não por méritos”. Desse modo, a utopia agostiniana é fruto da obra e da predestinação divina, excluindo-se do processo a vontade e o esforço humano.

Durante a Idade Média, a utopia se fez presente no imaginário de um povo oprimido pelas escuridões, que buscava amparo na esperança de existência de lugares sem espécie de sofrimento e com o desfrute livre dos prazeres. Nos países latinos, esse lugar se denominou folcloricamente *Pays de Cocagne*; na Alemanha *Schlaraffenland* (terra de Jauja) e *Venusberg* (monte de Vênus). “Todas estas utopias populares apresentam uma enorme abundância material e, junto às promessas de um mundo melhor, uma forte crítica contra a sociedade injusta do presente” (GUERRERO, 2012, p.3, tradução nossa).

A decadência do feudalismo e de uma economia baseada exclusivamente na propriedade da terra, somado à aparição do capitalismo e da burguesia, juntamente com a crescente autonomia das cidades europeias e, sobretudo, pela conquista do continente americano, inicia-se um novo ciclo para a literatura utópica: o (re)nascer de novas utopias, retomando-se a tradição do mundo antigo. Assim, inspirando-se no mito do *El Dorado* e nas novas descobertas no Oceano Atlântico Sul, sobretudo pelo navegador florentino Américo Vespúcio (1454-1512) e pelo genovês Cristóvão Colombo (1451-1506), o chanceler Thomas More (1480-1535) escreve, em 1516, a obra *Sobre o melhor estado de uma república e sobre a nova ilha Utopia*, livro conhecido entre nós como *A Utopia*.

Chegamos aqui ao criador do termo *utopia*, uma palavra até antes inexistente, e que, durante o tempo, alargou seu significado. Atualmente, cinco séculos depois, a palavra é mal interpretada, mal compreendida e cheia de ambiguidades. No entanto, a rigor, o que significa esse termo criado pelo inglês considerado santo?

Utilizando-se do grego clássico, bem ao gosto renascentista, Thomas More inventa o vocábulo 'utopia', sobre a base do substantivo masculino grego 'tópos' (lugar), adicionado pelo prefixo 'u'. Na letra 'u' que acompanha o substantivo *tópos* (lugar), é que reside a confusão, pois o prefixo 'u' como tal, no grego, não existe. Os mais aproximados são 'ou', com sentido de negação, e 'eu', com sentido do que é bom e desejável. T. More brinca intencionalmente com os possíveis 'ou-tópos' (lugar nenhum, não lugar) e o 'eu-tópos' (bom lugar, lugar feliz). Assim, 'u' seria o denominador comum de ambos. Desse modo, podemos interpretar a 'utopia' como 'o lugar ideal, mas que não existe', interpretação essa aceita por alguns estudiosos de More, especialmente os mais atentos às ambivalências enxertadas por ele e presentes na própria língua.

Não se pode interpretar utopia somente como não-lugar, como se faz tão frequentemente, pois, para isso, teria utilizado o autor precisamente o prefixo 'ou' ou 'a' [...] A intencionalidade moral e política da obra nos permite incluir, a mera interpretação etimológica, outra de caráter ético e social: Utopia seria a sociedade que não existe, mas que deveria existir e podia existir se os humanos se propuserem (HERNÁNDEZ, 2012, p. 2, tradução nossa).

Passando a uma breve descrição, o livro de More está dividido em duas partes: na primeira, intitulada *Da Comunicação de Rafael Hitlodeu⁴ a respeito da melhor constituição de uma República*, More, em um diálogo com Rafael e Pedro Giles⁵,

⁴ “Os nomes próprios escolhidos por More contêm uma significação coerente com o espírito da obra. Assim *Rafael* em hebreu significa ‘Deus tem curado’, e no livro apócrifo de Tobias o Arcanjo Rafael orienta a Tobias numa viagem que termina com a cura da cegueira sofrida por ele e pela recuperação de suas propriedades. É um nome apropriado, portanto, para um viajante que abre os olhos dos homens e lhes indica onde está a prosperidade” (SZACHI, 1972, p.1).

⁵ Natural de Antuérpia, onde nasceu em 1486. Amigo de Erasmo de Roterdã, conheceu More possivelmente por intermédio deste (MORE, 2010).

conta como conheceu Rafael – um personagem que navegara nas águas do Atlântico ao lado de Américo Vesúcio, conhecendo países longevos e exóticos. O diálogo se centra em uma discussão político-filosófica acerca dos problemas sociais presentes na Inglaterra (criminalidade, desigualdades, pobreza e exploração) em comparação com a diversidade cultural e social conhecida por Rafael em suas aventuras. A segunda parte, por sua vez, é a exposição do modo de vida dos utopianos, suas leis, organização do trabalho, educação, moral e costumes. O modo como é organizado o livro nos leva invariavelmente a comparar os problemas sociais ingleses com as virtudes do povo de Utopia.

O contraste entre a vida na ilha Utopia e na Inglaterra do século XVI é grifado para demonstrar, nas palavras de More, como o egoísmo, a ganância e o desrespeito geravam os problemas da ilha inglesa. Utopia é, em boa parte, a Inglaterra de cabeça para baixo. Preocupado com o destino de sua terra, o escritor defendia um sistema em que todos trabalhassem, porém pouco, para que ninguém, no pensamento dele, ficasse sobrecarregado. Pois, em sua Inglaterra, a “principal causa da miséria pública reside no número excessivo de nobres zangões ociosos que se nutrem do suor e do trabalho de outrem [...] escorchando os reдеeiros até a carne viva” (MORE, 1979, p. 174).

Na ilha de Utopia existem cinquenta e quatro cidades, perfeitamente idênticas, construídas com base no mesmo projeto e compreendendo edifícios iguais, sendo suficiente descrever somente uma para se conhecer todas. Amauroto é a capital da ilha, do grego *amaurós*, seu nome significa ‘cidade dos sonhos’. “A cidade é rodeada por uma alta e espessa muralha de pedra, enxameada de torres e fortes” (MORE, 2010, p. 57). Em Utopia, a propriedade privada está praticamente ausente e o sistema econômico é socialista, eis que “toda ilha é como uma única família” (MORE, 2010, p. 55).

Na obra moreana de 1516, a *utopia* é relacionada a uma ilha no Oceano Atlântico Sul (seria Fernando de Noronha?). Essa pequena ínsula seria lugar da concretização de uma sociedade idealizada: dos 'utopianos', com sua organização, suas virtudes e suas instituições. Desse modo, More consagra a 'utopia' como projeto, modelo abstrato e imaginário de Estado e de sociedade, sendo utilizado vastamente o termo para descrever qualquer projeto de sociedade mais justa e igualitária. "Este sentido de utopia permanece até os séculos XVIII e XIX. Por exemplo, nas utopias sociais dos filósofos utópicos franceses: Charles Fourier, Saint-Simon, Étienne Cabet, etc" (MÜNSTER, 1993, p. 21).

No lastro da Utopia de More, nos anos seguintes dos tempos renascentistas, outras cidades imaginárias foram descritas. Vale lembrar as obras do filósofo e teólogo dominicano Tommaso Campanella e também do filósofo ítalo-croata Francesco Patrizi da Cherso. O primeiro, autor do clássico *Cidade do sol*, utopia eclesiástica; o segundo, projetista d'*A cidade feliz*, utopia aristocrática influenciada pelo Mito de Veneza⁶.

Contudo, aos longos dos anos, a denominação utopia alargou seu significado, chegando no século XX com outras definições. Buscando-se nos dicionários o significado de "utopia", encontra-se: I - plano teórico que não pode ser realizado; II - projeto irrealizável; III - fantasia; IV - quimera. Definições todas, em maior ou menor grau, com denotações pejorativas.

Discordando do significado de utopia contida nos dicionários e no senso comum (alucinação, miragem, ilusão), propõem-se, neste trabalho, um diálogo entre os pensamentos de Ernst Bloch (1885-1977), o pensador que fundamentou

⁶ Veneza, cidade-estado ao nordeste da Itália, por muito tempo foi considerada um exemplo de República. Seu poderio e sua fama por ser uma cidade livre e independente, exemplo de estabilidade e imutabilidade constitucional, criaram o chamado 'Mito de Veneza'.

filosoficamente a utopia, e Paulo Freire (1921-1997), o educador que rodou o mundo sonhando com a libertação de mulheres, homens e crianças. Apresentamos a partir dos dois autores a construção de um conceito de utopia distinto: *topos* realizável, possível, real. Para o Bloch, o utopista é uma espécie de arquiteto do futuro ou, como descrito por Carlos Lima (2008, p. 16), “a utopia é a arqueologia do amanhã”. Ou seja, aquilo que aparenta ser impossível é, não obstante, real; o que ainda não é, mas pode vir a ser, antecipado e concretizado.

O conceito de utopia blochiano é desenvolvido, como nas palavras de Arno Münster (1993, p. 25), “em primeiro lugar, um *topos* da atividade humana orientada para um futuro, um *topos* da consciência antecipadora e a força ativa dos sonhos [...]” Assim, a imaginação utópica é, sobretudo, a consciência do estado atual das coisas, alimentada do desejo de mudar essa mesma realidade.

Contrário à crítica que alude a utopia a algo ilusório, puramente imaginativo e irrealista, Bloch propôs uma distinção entre utopia e utopismo. Sendo este uma maneira de “sonhar do futuro ou de um passado a reconquistar” (FURTER, 1973, p. 148), enquanto Utopia tem a “preocupação de descobrir no presente os pontos de apoio para o futuro desejado” (idem). O utopismo se constitui pela tendência à abstração e ao estático. Por isso, o filósofo alemão caracteriza um certo tipo de utopia: a concreta.

A utopia, ela, está forçosamente voltada para o futuro. Este voltar-se para o futuro tão pouco é um sonhar ligeiro, ou uma confiança ingênua no amanhã, mas o resultado de uma severa crítica do presente [...] O Princípio de esperança que anima a utopia faz da crítica atual e, em particular, dos fracassos das nossas atuações, o momento decisivo da construção de uma utopia militante e concreta. (FURTER, 1973, p. 152).

Pensamento convergente apresenta Paulo Freire (1991, p. 9), que nos adverte que utopia e sonho são atacados nos tempos que correm de inúteis e também

inoportunos, mas “são elementos que fazem necessariamente parte de toda prática educativa desocultadora de mentiras dominantes”.

A utopia, para Freire, se caracteriza como um modo de estar-sendo-no-mundo, que exige um conhecimento da realidade, pois conhecer é possibilidade de ‘projetar’, lançar-se adiante, buscar. O homem busca porque não está completamente ‘acabado’, por ser ‘inconcluso’, por ‘esperar’. A esperança é o eixo que faz do homem um ser capaz de caminhar para a frente na realização da sua história. (FELIPE, 1979, p. 69).

Relacionando a utopia com a esperança, Freire afirma que a matriz da esperança é a mesma da educabilidade do ser humano. “O inacabamento de seu ser de que se tornou consciente. Seria uma agressiva contradição se, inacabado e consciente do inacabamento, o ser humano não se inserisse num permanente processo de esperançosa busca” (2000, p. 132). Inacabamento defendido também pela perspectiva blochiana, como ressaltado por Albornoz (1998, p, 17), o “homem ainda não é tudo o que o homem pode ser. A sociedade ainda não é a sociedade socialista”.

Para Coelho (1980) “a utopia é uma ideia multicolorida” e, para Eduardo Galeano e o cineasta Fernando Birri⁷, a utopia está lá no horizonte, tanto quanto o arco-íris, fazendo-nos caminhar. Ao que Bloch afirma:

[...] o trabalho que faz a história avançar, sim, já há muito fez avançar, conduz para a causa que tem possibilidade de ser boa, não como abismo, mas como montanha para o futuro. Os homens, assim como o mundo, carregam dentro de si a quantidade suficiente de futuro bom; nenhum plano é propriamente bem se não contiver essa fé basilar (BLOCH, 2005, p.433).

Essa é uma citação que, longe de contrapor o trabalho à esperança, indica fé nas pessoas e no futuro e vislumbra o que ainda está para frente na forma da escalada de uma montanha. E, para escalá-la, sugere-se, neste trabalho, o

⁷Entrevista com Galeano. Fonte: <<https://www.youtube.com/watch?v=GaRpIBj5xho>> Acesso em 23/10/2016.

desenvolvimento das possibilidades de uma pedagogia utópica e libertadora em diálogo com Paulo Freire.

Esperança, sonhos e utopias em processos de luta pela transformação da realidade é o que defendem Freire e Bloch. Fé e esperança em homens e mulheres articulados para a concretização das utopias concretas (Bloch) e das utopias da libertação (Freire).

Mas eu quero enfatizar a importância da utopia de Bloch e a utopia de Freire. Ambos evitaram o erro de ligar a esperança a eventos passados. E também não ligaram a esperança a algum momento específico no futuro. Eles entendem a utopia como um processo de construção numa práxis revolucionária concreta (MCLAREN, 2001, p. 66).

Esperança

*Ela vem chegando
E feliz vou esperando
A espera é difícil
Mas eu espero sonhando[...]
Zazueira, Jorge Ben*

“O que importa é aprender a esperar”, sustenta E. Bloch (2005, p.13) no terceiro parágrafo d’*O Princípio Esperança*. O ato de esperar é antagônico ao de temer, este último meramente um passivo *dever*, voltado para o passado, gerador de medos e de angústias. “O ato de esperar não resigna: ele é apaixonado pelo êxito em lugar do fracasso”, contrapõe Bloch. A espera é uma atividade ativa, voltada para o presente, que necessita da ação desse afeto lançado ativamente naquilo que vai se transformando. Tornando-se “sonhos de uma vida melhor” (2005, p. 14). Como alicerce da filosofia blochiana, temos aqui a esperança enquanto *docta spes* (esperança racional e mediadora, que se sabe imersa no processo dialético-materialista). Essa é uma das novidades blochiana para dentro da teoria marxista, a *docta* esperança, o que nas palavras de Michel Löwy

(2007, p. 18) é “a ciência da realidade, o saber ativo orientado para a práxis transformadora do mundo e para o horizonte do futuro”. Arno Münster, por sua vez, apresenta os pilares da esperança blochiana a partir da oposição de definição feita por Heidegger:

Ao analisar o conteúdo e o sentido profundo e íntimo deste conceito de ‘esperança’ de E. Bloch, descobrimos rapidamente que E. Bloch, guiado pelo esforço de reatualizar a dimensão utópica para a filosofia neomarxiana de nosso século, se recusa a definir a esperança exclusivamente – como Heidegger – num sentido ontológico-existencial, como “momento de temporalidade”. (MÜSTER, 1993, p. 14).

Carvalho (2014, p. 22), focada na articulação entre esperança e possibilidade em Bloch, afirma que o filósofo alemão se empenha em “resgatar o conceito de esperança da passividade pejorativa da tradição platônica e cristã, recuperando assim o sentido positivo da utopia e do sonho como portadores de uma vontade atuante, capaz de modificar a realidade mediante uma práxis de viés marxista”. Esse dinamismo só é possível a partir da convicção de que o mundo não está decidido, pois “o propriamente dito no ser humano como no mundo ainda está por acontecer”, (BLOCH, 2005, p 243-244). Resumindo, o mundo não é; ele está sendo. A partir das possibilidades abertas pelo presente histórico, “este *devenir* pode conferir concretude à esperança, se entendida como esforço construtor que leva em conta as contradições reais do presente” (CARVALHO, 2014, p. 22).

É possível compreender a preocupação de Bloch em demonstrar que o futuro não se realiza por fatalidade, mas por uma necessidade histórica concreta, pois a esperança é uma construção onde tanto o passado quanto o presente se dialetizam para a construção do novo, por meio do engajamento dos homens nesse processo, na construção de um futuro concreto (FREITAS e FREITAS, 2015, p. 272).

De forma semelhante, Paulo Freire nega a conclusão do mundo e argumenta que a realidade está aberta em processos que vão acontecendo no horizonte das possibilidades, enquanto o futuro, em suas palavras, “[...] existe na medida

em que eu ou nós mudamos o presente. E é mudando o presente que a gente fabrica o futuro: por isso, então a história é possibilidade e não determinação” (FREIRE, 1991, p. 90).

Bloch (2005, p. 194), por sua vez, expressa que o “real é processo e processo é mediação vastamente ramificada entre o presente, o passado pendente e sobretudo o futuro possível. No seu *front* processual, todo real passa a ser o possível”. A partir das pressuposições freireanas e blochianas citadas, não é possível compreender a existência humana e a luta de torná-la melhor sem o sonho e a esperança. “Não sou esperançoso por pura teimosia, mas por imperativo existencial e histórico”, afirma Freire (1992, p. 10).

No diálogo em torno da esperança proposto, tanto Freire quanto Bloch alertam para o fato de que a esperança deve estar acompanhada de uma prática, de um otimismo militante e de uma práxis libertadora. E, como base para uma práxis transformadora, “chega-se assim ao ponto em que a esperança, esse autêntico afeto expectante no sonho para a frente, não surge mais como uma mera emoção autônoma, [...] mas de modo *consciente-ciente* como *função utópica*” (BLOCH, 2005, p. 144). O ato de esperar, por si só, não é revolucionário, pois é estéril uma esperança manca, destituída de ação que germina no mundo transformações. Portanto, lembra-nos Freire (1992, p. 5), “pensar que a esperança sozinha transforma o mundo e atuar movido por tal ingenuidade é um modo excelente de tombar na desesperança, no pessimismo, no fatalismo”. Deste modo, destacamos que Paulo Freire, à maneira de Ernst Bloch, confere à práxis a imprescindível posição de, em consonância com a esperança, fornecer condições de efetivação das mudanças sociais: “enquanto necessidade ontológica a esperança precisa da prática para tornar-se concretude histórica. É por isso que não há esperança na pura espera, nem tampouco se alcança o que se espera na espera pura, que vira, assim, espera vã” (FREIRE, 1992, p. 5).

Nas palavras de Münster (1993, p. 14), o pensamento blochiano se estrutura originalmente, pois, ao seguir a tendência própria de seu pensamento filosófico, Bloch “surpreende com sua intenção de ligar a esperança enquanto ‘afeto da espera’ e da ‘expectativa’ com as camadas da ‘categoria possibilidade’, dentro de uma visão filosófica baseada sobre a possível e ‘salutar’ atividade da ‘consciência antecipadora’ “(MÜNSTER, 1993, p. 14).

Peter McLaren (2001), em conferência no Brasil, também propondo um diálogo entre Bloch e Freire, corrobora nossa posição de semelhança teórica entre o “Patrono da Educação Brasileira” e o “Filósofo da Utopia”:

Para ambos os pensadores, a esperança colabora com a possibilidade de conformar a liberdade criando realidade, como uma forma de graça histórica que é imanente nas contradições sincrônicas e não-sincrônicas do momento presente. Tal esperança pode ser descrita como a agência social de modo a contestar ou resistir ao gangsterismo de uma sociedade capitalista consumista (MCLAREN, 2001, p. 66).

Esperança, portanto, como a “expressão do real voltado para o possível” (ALBORNOZ, 1998, p. 18). Ou como o sentimento basilar dos sonhos, que “fazendo-se e refazendo-se no processo de fazer a história, mulheres e homens, virando seres da inserção no mundo e não da pura adaptação no mundo, terminaram por ter no sonho também um motor da história” (FREIRE, 1992, p. 91). Seja como for, “não há mudança sem sonho como não há sonho sem esperança” (idem).

Sonhos

*Porque se chamavam homens
Também se chamavam sonhos
E sonhos não envelhecem...*
Clube da Esquina II, Milton
Nascimento

O mundo não atingiu o sonho do melhor lugar possível, da mesma forma que, “do lado de fora, porém, a vida é tão inconclusa como no eu que opera nesse lado de fora. Nenhum objeto poderia ser reelaborado conforme o desejo se o mundo estivesse encerrado, repleto de fatos fixos ou até consumados” (BLOCH, 2005, p. 194). Dessa forma, com base na denúncia dessa realidade injusta, Freire defende o anúncio de novas realidades, pois “sonhar é um ato político necessário”. Porquanto Bloch enfatiza a importância do olhar para frente, no horizonte em formação, sonhando com a utopia de dias melhores.

Uma das primordiais tarefas da pedagogia crítica radical libertadora é trabalhar a legitimidade do sonho ético político da superação da realidade injusta. É trabalhar a genuinidade desta luta e a possibilidade de mudar, vale dizer, é trabalhar contra a força da ideologia fatalista dominante, que estimula a imobilidade dos oprimidos e sua acomodação à realidade injusta, necessária ao movimento dos dominadores (FREIRE, 2014, 24).

Ernst Bloch apresenta a capacidade antecipatória, que ele chama de utopia, como um dado antropológico, isto é, como um traço do ser humano, e transparece afirmada a tese básica, no seu extenso oceano literário-filosófico, justamente de que mulheres e homens são seres que antecipam, que desejam, sonham e intuem as utopias que são concretas e que podem vir a se realizar. Somos seres de desejo e sonhamos que esses nossos desejos um dia sejam realizados, pois “o desejo de ver as coisas melhorarem não adormece” (BLOCH, 2005, p. 79).

Contudo, não estamos falando dos sonhos tal como teorizado pela psicanálise. Os sonhos acordados de Bloch, diferentemente dos sonhos noturnos de Freud, “não pedem para serem interpretados, mas para serem colocados em prática”, afirma a filósofa Suzana Albornoz (1998, p. 13). Dessa forma, o filósofo defende uma ampliação da teorização sobre os sonhos humanos, descrevendo a caracterização dos sonhos diurnos, uma vez que “mesmo de olhos abertos, no

seu íntimo a pessoa pode ver tudo colorido ou em forma de sonho” (BLOCH, 2005, p. 80). E, de forma categórica, ele afirma (2005, p. 88): “os seres humanos de forma alguma sonham apenas de noite. Também o dia possui bordas crepusculares, também ali os desejos se saciam”.

Outra premissa indispensável ao entendimento do ‘sonhar para adiante’ é enfatizada pela valorização da experiência do tempo que se lança no futuro enquanto ‘abertura’, ‘possibilidade’. Nessa consideração, a existência humana é histórico-temporal, constituindo-se a partir de sua imanência e, simultaneamente, em constante abertura à transcendência, ao ultrapassamento das conformações da presentidade (APOLINÁRIO, 2008, p. 48).

É curioso não encontrar evidências de contato entre Bloch e Freire enquanto eram vivos, pois as semelhanças teóricas entre eles nos aparecem cada vez mais evidentes. Os sonhos, juntamente com a esperança, são fundamentos para ambos, não somente para elaboração teórica, mas, sobretudo, como base para a vida: em Bloch, temos os sonhos diurnos como um ato de andar para frente, em Freire, os sonhos como a busca incessante em ‘ser mais’. Paulo Freire, em *Pedagogia dos Sonhos Possíveis*, livro recentemente lançado com escritos esparsos, de forma sintética, assim se expressa: “[...] preconizam que não há necessidade de se continuar falando de sonhos, utopia ou justiça social. Contudo, para mim, é impossível viver sem sonhos” (2014, p. 50).

Portanto, muito mais do que simples devaneios, os sonhos, para Freire, fazem parte de um princípio ontológico, de uma base para a vida. “Ai daqueles e daquelas, entre nós, que pararem com a sua capacidade de sonhar, de inventar a sua coragem de denunciar e anunciar” (FREIRE *apud* STRECK *et al*, 2010, p. 380). E, na atividade de denúncia e anúncio, efetiva-se a *leitura do mundo*, de modo que, para a superação da realidade opressora, colocam-se *inéditos viáveis* à tona, que caminham para a concretização dos *sonhos possíveis*.

Para Paulo Freire, o *sonho possível* diz respeito ao caráter crítico orientado pela confiança de que as *situações-limites* podem ser transformadas, bem como de que essa mudança se constrói constante e coletivamente. “Como é que podemos aceitar esses discursos neoliberais que vêm sendo apregoados como verdadeiros e manter vivos nossos sonhos?”. Freire sintetiza a resposta: “ser no mundo significa transformar e retransformar o mundo [...] nossas responsabilidades consistem em intervir na realidade e manter nossa esperança” (FREIRE, 2014, p. 51).

Caminhando no mesmo sentido, os sonhos diurnos, formulados pela filosofia blochiana, desenham no ar “receptíveis vultos de livre escolha, e podem se entusiasmar e delirar, mas também ponderar e planejar [...] O sonho diurno pode proporcionar ideias que não pedem interpretação, e sim elaboração” (BLOCH, 2005, p. 79 e 88). Tal como Santos Dumont que, antes de planejar e construir o famoso 14 Bis, sonhou ter asas. Desse modo, a imaginação, longe de ser o oposto da racionalidade, é, na verdade, parte constitutiva dessa.

Por isso temos que aprender de novo a caminhar sobre a Terra com a esperança [...] E resgatar um saber que elabora a esperança na experiência do mundo, deixando-nos conduzir pelos gestos amorosos do princípio, na dimensão de um saber reconciliado com a esperança, um saber feliz (*eusophos*) (LIMA, 2008, p.168).

Na busca de um saber feliz, está previamente a esperança. Esse anseio é considerado, por Bloch e Freire, mais que um sentimento; é, na verdade, um ato de cognição, uma premonição. Ela anima a militância. É um conhecimento, um pré-conhecimento do que ainda-não-é, mas pode ser, pode vir-a-ser (ALBORNOZ, 1998). Portanto, os *sonhos diurnos* e os *possíveis* são fundamentos da esperança para a concretização da utopia.

Caminhar para uma Pedagogia da Utopia

*[...] outro sonho feliz de cidade
Aprende depressa a chamar-te de realidade [...]
Pan-Américas de Áfricas utópicas, túmulo do samba
Mas possível novo quilombo de Zumbi [...]
Sampa, Caetano Veloso*

Paulo Freire e Ernst Bloch foram críticos às injustiças vivenciada por eles durante o século XX e advindas da realidade capitalista. Fertilizados na utopia, denunciaram as mazelas, tiveram esperança e sonharam com um outro mundo possível. Nesse contexto de viver o presente e antecipar o futuro, uma atitude deve ser central para Bloch (2005, p. 197): “a postura diante desse cenário de indecisão, contudo passível de ser decidido por meio de trabalho e ação concretamente mediada, chama-se otimismo militante”. Com base no otimismo militante, podemos concretizar os sonhos e as utopias. Porquanto defendido por Freire (2000, p. 53), “o que não é, porém, possível é sequer pensar em transformar o mundo sem sonho, sem utopia ou sem projeto”, pois os sonhos são “projetos pelos quais se luta. Sua realização não se verifica facilmente sem obstáculos. Implica, pelo contrário, avanços, recuos, marchas às vezes demoradas. Implica luta” (FREIRE, 2000, p. 54).

Dois pensadores engajados na luta pela emancipação humana, cada um à sua maneira, caminharam no trilha árduo e frutífero em busca de uma nova sociedade, com crianças, mulheres e homens conscientes de seus papéis na história. A utopia da libertação de Freire e o princípio da esperança de Bloch formam a Pedagogia que denominamos de Utopia. De caráter revolucionário, atuante prática e teoricamente embasada nos sonhos e na esperança. Sob a mesma perspectiva, outros autores também já se propuseram a cunhar uma Pedagogia da Utopia, tais como Renato Gross (2006) em seu estudo que busca as bases da Pedagogia neste novo século; e, também, o professor canadense Peter McLaren (2001) na publicação de suas conferências realizadas no Brasil.

O fato é: o que denominamos de Pedagogia da Utopia, outros podem nomear por Pedagogia Revolucionária ou Emancipatória, Pedagogia da Esperança ou Pedagogia dos Sonhos Possíveis (como titulado nas publicações mais recentes de Freire). Contudo, é propedêutico um poder “ir mais além”, pois, se a Pedagogia é a ciência que se preocupa com a formação dos seres humanos e a utopia é o caminhar para o horizonte, temos uma Pedagogia da Utopia nos processos de lutas e de formação dos seres que sonham com um mundo melhor e caminham para sua concretização. “A Utopia aponta para vias alternativas, tanto para o pensar quanto para o fazer Política, Educação e Pedagogia” (GROSS, 2006, p. 2976).

Freire e Bloch trabalharam em prol do “desenvolvimento de uma compreensão dialética da História e das contradições do trabalho humano sob o capitalismo” (MCLAREN, 2001, p. 45). A partir dessa compreensão dialética, suas próprias biografias contêm percursos traçados para a concretização da terceira margem do rio, encontrando, ambos, a utopia socialista como norte a ser alcançado. No entanto, testemunharam ser as duas margens do rio violentas, lembrando Brecht, comprimindo as águas e as ondas da crítica, os dois sofreram na pele a perseguição política, a censura e o exílio durante a ditadura militar brasileira e o regime de Hitler na Alemanha. Contudo, denunciaram, ao mesmo tempo, o autoritarismo advindo de dentro do Socialismo, tornando-se pensadores heterodoxos no interior do campo marxista, e tiveram coragem de criticar também os dogmatismos de esquerda.

Lutaram por uma terceira alternativa, uma transcendência do que estava posto: um socialismo libertador e utópico, quando, no decorrer da guerra fria, de crescente polarização, recriminaram as violências cometidas pelas duas margens do rio (capitalista e soviético). Bloch e Freire “foram levados ao socialismo por suas possibilidades utópicas, seus sonhos críticos e não ingênuos

de utopia, mas, também, pela realidade bruta das relações sociais capitalistas” (MCLAREN, 2001, p. 47).

“Quando o horizonte socialista se amplificar e se iluminar nas grandes cidades, unidas pelos trabalhadores”, defende Bloch (2005, p. 147), “levantar-se-á uma aurora mais autêntica, que completará a consciência e o céu da época”. Contra um marxismo mecanicista e esquemático, foi que Bloch defendeu uma esperança materialista e dialética, aberta à imaginação revolucionária, crítica à degeneração cientificista e dogmática.

Ligando a dimensão da esperança aos conceitos de antecipação, de utopia e de práxis, E. Bloch consegue integrar perfeitamente este conceito teológico-filosófico no projeto de uma filosofia da práxis que, diferentemente do marxismo ortodoxo, não baseia o conceito de práxis revolucionária e transformadora exclusivamente sobre a crítica materialista da economia política, mas, sim, sobre uma crítica dialética das relações sobre a base e a superestrutura, e, principalmente, sobre um conceito de ação [...] (MÜSTER, 1993, p. 14).

Por conta desse seu marxismo autêntico, Bloch fora acusado de metafórico, ambíguo, idealista, como se pode verificar nas palavras de Hans Heinz Holz (2007, p. 24), Ernst Bloch “sempre se viu a si mesmo como um filósofo marxista [...]. Os representantes do marxismo ortodoxo sempre questionaram essa posição e o classificaram como um ‘pensador burguês progressista’, neomarxista herético ou como um dissidente”.

Por interessar-se no que se apresenta à margem e à sombra, Bloch foi às vezes chamado, de forma ligeira, de “herege”, tanto do ponto de vista do marxismo como do judaísmo ou do cristianismo, porque não é fácil situá-lo neste ou naquele lugar estabelecido da filosofia ou da religião (ALBORNOZ, 2016, p. 15).

Michel Löwy (2007, p. 18) explica o porquê desse lugar herético e dissidente de Bloch: ele resgatou categorias menosprezadas pela tradição marxista, inclusive por Marx e Engels, tais como a utopia, a esperança e o sonho.

O marxismo de Bloch era bastante heterodoxo: enquanto que Marx havia-se despedido da utopia, e Engels apregoava, em um famoso escrito de 1888, a passagem do socialismo 'da utopia à ciência', Bloch não tem dúvidas em inverter essa ordem. Claro que não nega a necessidade da ciência: o socialismo somente pode cumprir seu papel revolucionário mediante a união inseparável da sobriedade e a imaginação, a razão e a esperança (LÖWY, 2007, p. 18, tradução nossa).

O pensamento de Paulo Freire também sempre fora dinâmico dentro do campo marxista. Ninguém, excetuando-se alguns ruídos da direita, nem mesmo Freire, denominou-o um pensador marxista. “A despeito da defesa explícita do autor pelos oprimidos, e o conteúdo radical/igualitário do seu projeto socioeducativo, muitas correntes marxistas apontaram-lhe um reformismo de ‘de viés subjetivista’ (CARON, 2010, 254).

A verdade é que, mesmo bebendo de outras fontes teóricas para além de Marx, Freire tornou-se uma importante referência política de resistência e de emancipação não só no Brasil, mas, também, em práticas e pensamentos no mundo todo.

O pensamento de Freire pode agora ser claramente percebido como uma expressão da pedagogia socialista, e sua análise tem sido, através do tempo, trabalhada dentro e fora da moldura histórico-materialista, redefinindo seus velhos temas existencialista-fenomenológicos sem, no entanto, adotar uma posição ortodoxa (TORRES *apud* CARON, 2010, p. 256).

Paulo Freire (1921-1997), Patrono da Educação Brasileira, tornou-se um dos grandes pensadores do século XX, sobretudo na área educacional, ao publicar sua maior obra – *Pedagogia do Oprimido* – em 1968. Nesse livro, reconhecido internacionalmente, o educador brasileiro previamente apresenta a tese de que não há neutralidade na educação. A suposta imparcialidade pedagógica é, na verdade, uma ilusão, visto que a educação forma as pessoas com vistas a um objetivo e sob referências de um projeto, sendo o centro da questão identificar se esse é um discurso dos opressores ou dos oprimidos. Destarte, “a pedagogia

dominante é a pedagogia das classes dominantes” (FREIRE, 2004, p. 11), daí a necessidade de uma pedagogia dos e com os oprimidos, pois “os métodos de opressão não podem, contraditoriamente, servir à libertação dos oprimidos” (idem, p.11).

A própria experiência de vida de Paulo Freire comprova sua assertiva quanto à ludibria aparência da neutralidade axiológica da educação. Após ganhar notoriedade com seu programa de alfabetização de adultos em Angicos (Rio Grande do Norte), alfabetizando trezentos trabalhadores em apenas 45 dias, Freire foi convidado por João Goulart para assumir a elaboração do Plano Nacional de Alfabetização. Quando o PNA estava sendo desenvolvido, foi deflagrado o Golpe Militar, e Freire teve seus direitos civis cassados. Obrigado a se exilar do país, veio a morar na Bolívia e, depois, no Chile, onde escrevera Pedagogia do Oprimido. Nesse ínterim, notamos: se a educação fosse neutra, não haveria necessidade de rigor e de ódio contra o incipiente projeto de alfabetização e seu precursor, mas, claramente, essa proposta trazia riscos ao projeto das elites e dos militares brasileiros, que não viam com bons olhos a tomada de consciência da população analfabeta.

Ernst Bloch também fora vítima da perseguição, da censura e do exílio forçado. Contudo, seus inimigos foram, primeiramente, os nazistas, depois, a censura estadunidense e, também, a perseguição soviética. Suzana Albornoz (2016), filósofa brasileira estudiosa de Bloch, assim resume esse período conturbado vivido por ele:

Após a República de Weimar e com o advento, em 1933, do nazismo na Alemanha, Bloch iniciaria um longo período de exílio, indo primeiro para Zürich, depois, para Viena onde, em novembro de 1934, casou-se com Karola Piotrkowska, arquiteta de nacionalidade polonesa. Depois de um período em Paris, em 1935, mudam para Praga (1936-1938) onde, em 1937, nasceu o filho Jan Robert. Em 1938, a família Bloch emigrou para a América do Norte [...] A esposa arquiteta providenciaria o sustento da família, pois as convicções

socialistas de Bloch não lhe permitiram lecionar no exílio americano (ALBORNOZ, 2016, p.13).

Por fim, em 1956, já de volta à Alemanha oriental, escolhida para ser seu lar em demérito da parte Ocidental, novamente Bloch vai sofrer perseguição. Nesse ano, explodem as rebeliões na Polônia e na Hungria e, quando Bloch se manifestou solidário ao povo húngaro e contrário à intervenção autoritária da política de Moscou, “o filósofo e seus discípulos passaram a ser vigiados, impedidos de falar e perseguidos”, afirma Suzana Albornoz (2016, p. 14). No entanto, “a partir de 1956, em 1957 e 1959, Bloch começou a participar de colóquios filosóficos e congressos, na França e na Alemanha Ocidental”. Em 1961, por ocasião de uma viagem, Bloch e sua família são surpreendidos pela notícia da construção do muro de Berlim e são levados “à decisão de não retornar a Leipzig, aceitando Bloch a cátedra de Filosofia na Universidade de Tübingen, no Sul da Alemanha Ocidental” (ALBORNOZ, 2016, p. 14).

Se Bloch e Freire sofreram tantas tentativas de silenciamentos de suas ideias, por parte dos poderes estabelecidos, é porque trilharam o caminho da crítica e da ação voltadas para a emancipação humana. Misoczky, Moraes e Flores (2009, p. 461) apontam que a utopia concreta presente nos textos de Bloch e Freire “[...] insurge-se contra o pensamento que ameaça a imaginação e impõe obstáculos a possibilidade da libertação humana”.

O educador popular oriundo de Recife e o filósofo de Tübingen buscaram na denúncia da realidade opressora o anúncio de um sonho, do fim das opressões e da exploração no mundo. Suas experiências de vida comprovam que viveram permanentemente em busca da utopia, da concretização de utopias e, principalmente, da razão delas existirem. Desse modo, mais uma vez vale salientar que a utopia

não é o irrealizável; a utopia não é o idealismo, é a dialetização dos atos de denunciar e anunciar, o ato de denunciar a estrutura desumanizante e anunciar a estrutura humanizante. Por essa razão, a utopia é também um compromisso histórico (FREIRE⁸ *apud* MISOCZKY et al, 2009, p. 461).

Pois, com base nos sonhos, na esperança e na utopia de transformação da educação e do mundo, compreendemos e apresentamos as concepções filosóficas de Freire e de Bloch como base para a Pedagogia que cunhamos como Utopia. Uma Pedagogia da Utopia, uma vez que a construção de uma nova sociedade necessita de uma nova educação que venha a formar os seus membros, ou seja, é sabido que a “prática educacional não é o único caminho à transformação social necessária à conquista dos direitos humanos, contudo acredito que, sem ela, jamais haverá transformação social” (FREIRE, 2014, p. 50).

Mais uma vez os homens, desafiados pela dramaticidade da hora atual, se propõem a si mesmos como problema. Descobrem que pouco sabem de si, de seu “posto no cosmos”, e se inquietam por saber mais. Estará, aliás, no reconhecimento do seu pouco saber de si uma das razões desta procura [...]. Indagam. Respondem, e suas respostas os levam a novas perguntas (FREIRE, 2004, p. 29).

Do mesmo modo que a esperança surge da tomada de consciência pelo homem de que ele é um “ser de carências”, assim, e contra a ingenuidade da maioria dos otimistas, Ernst Bloch não crê que a fonte da utopia se encontre na consciência que o homem possuiria da sua perfeição, mas, ao contrário, do seu espanto diante da descoberta de sua imperfeição (FURTER, 1973, p. 152).

Em suma, esse trabalho buscou um breve ensaio dialógico entre os pensamentos de Bloch e de Freire, a partir das categorias de sonhos e esperança, para construir o alicerce de uma possível Pedagogia da Utopia - Com unidade entre a utopia e a razão, sonhos com a práxis, ou seja, tal como descrito por Löwy (2007, p. 18) “o rigor do detetive com o entusiasmo do sonhador”. Com base nos pensamentos e nas práticas de vida de Bloch e Freire, finalizamos essa

⁸ Paulo Freire, *Conscientização: uma teoria e prática da libertação - introdução ao pensamento de Paulo Freire*, São Paulo, Centauro, 1980, p.27

pequena tentativa de evidenciar os pontos de contato dos dois pensadores, afirmando seus lugares no campo da produção intelectual emancipatória. Sim, uma vez que ambos partem de uma filosofia crítica para propor uma práxis revolucionária, registrando, para além de seu tempo, uma imortal luta pelas utopias concretas. E, como salientamos subscrevendo as letras de Furter (1973, p. 147), a utopia “é uma forma de ação, não uma mera interpretação da realidade”. Desse modo, é preciso caminhar para uma Pedagogia da Utopia.

Referências

- ALBORNOZ, S. Nota Biográfica sobre Ernst Bloch. In: SOUZA, R.T.; RODRIGUES, U.M. (Orgs.). *Ernst Bloch: Atualidades das Utopias Concretas*. 1º Volume. Porto Alegre: Editora Fi, 2016, p. 11-15.
- ALBORNOZ, S. *O enigma da esperança*. Petrópolis: Vozes, 1999.
- APOLINÁRIO, J. A. F. A Práxis no Pensamento Utópico de Ernst Bloch. In: *Cadernos de Ética e Filosofia Política*. São Paulo, nº. 13, 2008, p. 43-56.
- BLOCH, E. *O Princípio Esperança*. Volume 1. Trad. Nélio Schneider. Rio de Janeiro: EDUERJ: Contraponto, 2005.
- _____. *O Princípio Esperança*. Volume 3. Trad. Nélio Schneider. Rio de Janeiro: EDUERJ: Contraponto, 2006.
- CARON, M. M. Verbete Marx/Marxismo. In: STRECK, D. R.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J. J. (Orgs.). *Dicionário Paulo Freire*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. 439 p.
- CARVALHO, M. Esperança e Possibilidade em Ernst Bloch. *Revista Universitas Humanas*, Brasília, v. 10, nº. 2, p. 21-27, jul./dez. 2014.
- CIORAN, E. M. *História e Utopia*. Tradução Esther Seligson. Barcelona: Editora Tusquets, 1988.
- COELHO, T. C. *O que é a Utopia?*. São Paulo: Círculo do Livro, 1980.

FELIPE, S. T. *O Conceito de Utopia na proposta Paulofreireana*. Porto Alegre: 1979. Disponível em:
<<https://periodicos.ufsc.br/index.php/revistacfh/article/download/23744/21311>>
Acesso em 15 de julho de 2017.

FREIRE, P. *A educação na cidade*. São Paulo: Cortez, 1991.

_____. *Pedagogia da Esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

_____. *Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. São Paulo: UNESP, 2000.

_____. et al *Pedagogia da Solidariedade*. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

_____. *Pedagogia do Oprimido*. 38. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

_____. *Pedagogia dos Sonhos Possíveis*. 1ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

FREITAS, L.A.A.; FREITAS, A.L.C. A esperança em Paulo Freire. In: *Anais XII Congresso Nacional de Educação*. Curitiba: PUCPR, 2015. Disponível em
<educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/17754_7660.pdf> Acesso em 15 de julho de 2017.

FURTER, P. *Dialética da Esperança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1973.

GALEANO, E. *Para qué sirve la Utopía?* Entrevista com Galeano. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=GaRplBj5xho>> Acesso em 23 de março de 2016.

GROSS, R. *A Questão da Utopia na Educação e na Pedagogia: uma abordagem possível para as políticas públicas educacionais*. Disponível em <www.pucpr.br/eventos/educere/educere2006/anaisEvento/docs/CI-265-TC> Acesso em 15 de julho de 2017.

GUERRERO, J. O. La utopia como expresión del pensamiento divergente humano. *Revista Digital El Buho*. ISSN: 1138-3569, julho 2012. Disponível em <http://www.aafi.filosofia.net/publicaciones/el_buho/elbuho2/buho2/utopia.htm> Acesso em 25 de julho de 2017.

HERNÁNDEZ, F. A. *Realidad y Utopía*. Universidad Autónoma de Madri. 2012. Disponível em:

<https://www.uam.es/servicios/apoyodocencia/ice/olimpiada/Realidad_y_utopia.pdf> Acesso em 20 setembro de 2016.

HOLZ, H. H. Ernst Bloch: Entremundo y umbral de época. In: VEDDA, Miguel (org) *Ernst Bloch – Tendencias y latencias de un pensamiento*. Buenos Aires: Herramienta Ediciones, 2007, p. 23-45.

LIMA, C. *Genealogia dialética da Utopia*. Rio de Janeiro: Editora Contraponto, 2008.

LÖWY, M. Utopia y romantismo revolucionario en Ernst Bloch. In: VEDDA, Miguel (org) *Ernst Bloch – Tendencias y latencias de un pensamiento*. Buenos Aires: Herramienta Ediciones, 2007, p. 13-21.

MCLAREN, P. *A Pedagogia da Utopia*. Santa Cruz do Sul: Editora EDUNISC, 2001.

MISOCZKY, M. C. A.; MORAES, J.; FLORES, R. K. Bloch, Gramsci e Paulo Freire: referências fundamentais para os atos da denúncia e do anúncio. *Cadernos EBAPE*. v.7, nº 3, artigo 4, Rio de Janeiro, setembro, 2009.

MORE, T. *A Utopia*. Tradução Maria Isabel Tomás. 2ª edição. São Paulo: Martin Claret, 2010. 130p.

_____. *A Utopia*. Tradução Luís de Andrade. 2ª edição. São Paulo: Abril Cultural, Coleção Os Pensadores, 1979.

MÜSTER, A. *Ernst Bloch - filosofia da práxis e utopia concreta*. São Paulo: UNESP, 1993.

SOARES, L. J. G. *et tal*. Resenha de Pedagogia do Oprimido, de Paulo Freire. In: MESQUITA, I. M. de; CARVALHO, R. A. *Clássicos da Educação Brasileira*. Belo Horizonte: Mazza Edições, Volume 3, 2013, p. 147-166.

STRECK, D. R.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J. J. (Orgs.). *Dicionário Paulo Freire*. 2. ed. rev. e ampl. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. 439 p.

SZACHI, J. *As utopias*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972.

Recebido em: 16.09.2017

Aceito em: 18.10.2017